REVELLI
REVISTA DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E LITERATURA

"FUI ATÉ PRA DISNEY!" – A TRAJETÓRIA DE ASCENSÃO SOCIAL VIA ESFORÇO INDIVIDUAL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO MERITOCRÁTICO ENTEXTUALIZADO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE UMA MULHER DE ORIGEM POBRE

"I'VE BEEN TO DISNEY!" – THE TRAJECTORY OF SOCIAL ASCENSION VIA INDIVIDUAL EFFORT: AN ANALYSIS OF THE MERITOCRATIC DISCOURSE ENTEXTUALIZED IN THE LIFE STORIES OF A WOMAN FROM A POOR BACKGROUND

Paula Fernandes Teixeira
(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio)

RESUMO
O presente estudo tem como objetivo observar a forma como o discurso meritocrático é entextualizado na prática discursiva de uma mulher de origem pobre ao narrar, em entrevista de pesquisa, sua trajetória de vida e ascensão social, principalmente no que tange ao seu sistema de crenças e valores. O exame dos dados, realizado através de análise microinteracional e interpretativista, aponta para o grande poder que o macro discurso do esforço pessoal e autossuperação parece exercer nas classes populares, aqui representada pela participante. Os resultados mostram, igualmente, o valor simbólico da educação, discursivamente construída como forma honrosa de melhoria de vida.
Palavras-chave: Discurso. Meritocracia. Ordem moral. Classe popular. Educação.

ABSTRACT
This paper aims to observe how the meritocratic discourse is entextualized in the discursive practice of a woman from a poor background, when narrating, in a research interview, her life trajectory and social ascension, especially with regard to her system of beliefs and values. The data examination, carried out through microinteractional and interpretive analysis, shows the great power that the macro discourse of personal effort and self-overcoming seems to exert on popular classes, represented here by the participant. The results also show the symbolic value of education, discursively constructed as an honorable way of improving life.
Keywords: Discourse. Meritocracy. Moral order. Working Class. Education.

1 INTRODUÇÃO

O tema meritocracia não é novidade. Nascida nos idos de 1950, tal terminologia, que a princípio se tratava de uma crítica, foi sendo ressignificada ao longo dos anos, passando a receber uma conotação majoritariamente positiva. Atualmente, a ideologia meritocrática parece estar mais presente que nunca em nossa sociedade, sendo entextualizada em diferentes contextos do nosso dia a dia – basta ligarmos a televisão para perceber o grande número de programas, como *reality shows* e novelas, que exaltam o esforço e sacrifício individual como forma de "crescer na vida" e "chegar lá", pois "para vencer, basta querer". Esse discurso, marcado fortemente por índices linguísticos como *esforço, mérito, querer, poder, conseguir, vencer,* não é exclusividade da grande mídia, uma vez que se faz presente também nas práticas discursivas cotidianas, sendo reproduzido tanto pelas classes sociais mais

abastadas como pelas populares. Nestas, especialmente, a meritocracia revela-se como um fator de grande influência na trajetória da sonhada ascensão social, parecendo estar diretamente ligada ao sistema de crenças e valores dos mais pobres.

A noção de meritocracia, tão presente na sociedade do capitalismo (WEBER, 2004) e do desempenho (HAN, 2019) em que vivemos, já foi abordada por autores como Young (1961), Barbosa (2014), Littler (2018), Rocha (2019) e Florêncio e Biar (2018), cujas obras atribuem diferentes nuances ao tema. No que concerne ao universo simbólico dos pobres, autores como Zaluar (2000 [1985]), Sarti (2011), Oliveira (2012) e Teixeira (2021) discorrem sobre a ordem moral das classes populares, bem como suas ideologias e crenças, principalmente com relação à família, ao estudo e ao trabalho. Já em relação à análise discursiva dessas questões, foco do presente estudo, tem-se como principal norte as obras de Foucault (1996 [1971]), Fairclough (2001) e Goffman (2002 [1964]; 1986) que, em linhas gerais, discutem sobre a relação entre o social (ordem macro) e a interação situada (ordem micro) no discurso.

Embora o discurso meritocrático já tenha sido foco de outras pesquisas, conforme apontado acima, acreditamos ser de grande valia que novas inteligibilidades concernentes a esse tema sejam criadas. Dessa forma, o presente trabalho tem como objeto de estudo as narrativas de história de vida (LINDE, 1993) de uma mulher de origem pobre que, em decorrência de seu grande esforço e mérito pessoal, conseguiu galgar degraus mais altos em sua vida, por meio dos estudos e do trabalho. Assim, os objetivos desta pesquisa são: a) observar, por meio de microanálise sociointeracional e situada, de que forma o macro discurso meritocrático é entextualizado na prática discursiva de uma mulher de origem pobre ao narrar sua trajetória de vida e ascensão social e b) analisar, através de índices discursivos presentes nas narrativas da participante, a influência que esse discurso aparenta exercer na busca por mobilidade vertical das classes populares, principalmente no que tange à moral da família, estudo e trabalho.

Para que os objetivos supramencionados sejam alcançados, o presente artigo foi organizado da seguinte forma: inicialmente, serão discutidos importantes aspectos relativos à moral dos pobres e ao valor da família, trabalho e estudos nas classes populares. Em seguida, na seção 3, serão apresentadas reflexões acerca da ascensão social e do discurso meritocrático, temas estes que norteiam o trabalho. Na sequência, será debatida, brevemente, a noção de discurso e poder. Na seção 5, será abordada com mais detalhes a metodologia utilizada para coleta e análise dos dados, assim como o contexto da pesquisa. Em seguida, na seção 6, será conduzida a análise dos dados, atrelada às teorias e estudos da área de interesse da pesquisa. Na última seção, será apresentada a conclusão e considerações finais sobre o estudo.

2 MORAL DOS POBRES – SISTEMA DE VALORES E CRENÇAS

De acordo com o senso comum, as classes denominadas populares ou trabalhadoras são aquelas constituídas por indivíduos que geralmente não dispõem de muitos recursos financeiros e que, por vezes, moram em bairros periféricos ou favelas (TEIXEIRA, 2021). Alguns teóricos, de certa forma mais alinhados à essa noção, também entendem a pobreza como a privação de itens necessários a uma vida plena, como "emprego, meios para participar do mercado de consumo, bem-estar, direitos, liberdade, esperança" (VÊRAS, 2001, p. 38). Outros, porém, não se limitam a reduzi-la a índices negativos e a "faltas", pois reconhecem que essas classes são possuidoras de valores bem expressivos, que permeiam a lógica particular desses grupos, como a moral da família, do estudo e do trabalho (OLIVEIRA, 2012; SARTI, 2011; ZALUAR, 2000 [1985]; TEIXEIRA, 2021). Então, conforme aponta Sarti, a pobreza é uma categoria relativa, de forma que "qualquer tentativa de confiná-la a um único eixo de classificação, ou a um único registro, reduz seu significado social e simbólico" (2011, p. 42). Nota-se, então, que a pobreza, assim como todo objeto social, só pode ser compreendida por meio da significação daqueles que a vivem. Por essa razão, o termo *pobre* foi adotado nesta pesquisa, uma vez que a própria participante se constrói discursivamente dessa maneira (cf. excertos 1 e 3, por exemplo).

Em se tratando do sistema de crenças e valores desses grupos, a família representa a "unidade mais básica e central no universo das classes populares" (OLIVEIRA, 2012, p. 76). Além disso, seus membros geralmente possuem papeis bem definidos, sendo o homem o provedor e líder do grupo, e a mulher aquela que zela por todos. Dos filhos, quando pequenos, espera-se apenas que obedeçam e, conforme vão crescendo, que contribuíam também com as responsabilidades do lar, como afazeres domésticos e, posteriormente, com ajuda financeira (SARTI, 2011). Segundo Sarti (2011, p. 85), "A noção de família define-se, assim, em torno de um eixo moral. Suas fronteiras sociológicas são traçadas a partir de um princípio da obrigação moral, que fundamenta a família, estruturando suas relações".

Com relação à moral do trabalho, Sarti (2011) aponta que, para os pobres, o "trabalho é muito mais que o instrumento da sobrevivência material [...] é a condição de sua autonomia moral, ou seja, é a afirmação positiva de si, que lhe permite dizer: eu sou" (p. 88) e "é através do trabalho, então, que demonstram não serem pobres: através de sua honestidade, sua disposição de vencer, tornam-se, por esses atributos morais, iguais a eles [os ricos]) (p. 89). Com base em tais afirmações, é possível notar o valor que o trabalho tem para as classes populares, no sentido que lhes confere honra e autoafirmação perante a sociedade. Isto é, o trabalho parece conferir ao homem/mulher trabalhador/a o status de

pessoa honesta, íntegra e digna de respeito, já que é por meio dele que se alimenta não só a família, mas também a esperança de uma vida melhor.

A educação também ocupa lugar de destaque na moralidade dos pobres, uma vez que o acesso a ela é visto como a chance de crescer na vida, de forma digna e honesta (OLIVEIRA, 2012). Ou seja, a educação é muito valorizada devido ao seu caráter transformador, como uma ponte que viabiliza o acesso a outros tipos de discursos e possibilidades por meio do conhecimento (FOUCAULT, 1996 [1971]), promovendo assim a ascensão social. Nas palavras de Teixeira (2021, p. 20), à educação "também são atribuídos os mesmos signos positivos do trabalho, já que ser estudante também os coloca em um patamar de honra, honestidade e dignidade". Percebe-se, então, que a moral do estudo e do trabalho, no que tange à ascensão social, encontram-se imbricadas no universo simbólico das classes populares, revelando um grande desejo desses indivíduos de galgarem, de forma honesta, degraus mais altos em suas vidas. Todavia, devido à falta de recursos e oportunidades das quais dispõem as classes mais abastadas, essa ascensão social geralmente exige muito mais empenho das classes populares, estando diretamente ligada ao esforço e mérito pessoal.

3 ASCENÇÃO SOCIAL E O DISCURSO MERITOCRÁTICO

Oliveira (2012, p. 86) postula que "para as camadas populares brasileiras, a noção de ascensão social é valorizada bem mais pelo seu aspecto simbólico que material", o que sugere que mais importante que ter condições de consumo é o sentimento de vitória e sucesso que vem a reboque da ascensão. Contudo, isso não é uma regra, já que vivemos em uma sociedade de "espírito capitalista" (WEBER, 2004 [1905]), onde a ascensão social é, de certa forma, medida pelo poder de consumo. Está "melhor de vida" aquele que tem condições de colocar os filhos em escola particular, de ter uma televisão grande, de ter um carro, de viajar etc., sendo todos esses itens, em certa medida, símbolos do discurso capitalista e neoliberal, alimentado diretamente pelo discurso meritocrático (LITTLER, 2018). Mas, afinal, o que é meritocracia?

A ideia de meritocracia nasceu com o livro *The Rise of Meritocracy*, de Michael Young, em 1958, no qual o autor faz uma crítica ao sistema educacional da Inglaterra à época. Contudo, o termo meritocracia migrou para outras esferas, adotando um sentido positivo, sendo associado à concepção do "*self-made man*", que pode ser entendido como o indivíduo de origem humilde que vence sozinho na vida (ROCHA, 2017). Segundo Littler (2018) a meritocracia hoje abarca a ideia de que, independente da sua posição social de origem, a sociedade oferece oportunidades iguais de mobilidade

para que, com talento e esforço, se chegue ao topo. Tal ideologia parece, de fato, formidável, mas, segundo a própria autora, existem muitas questões por trás desse entendimento.

O discurso meritocrático tem sido bastante problematizado ultimamente, uma vez que prega a igualdade de oportunidades, como se a vida fosse um jogo no qual todos os jogadores partem do mesmo degrau (LITTLER, 2018). Entretanto, não basta ter talento e ser esforçado para conseguir mover-se verticalmente, pois diferente da metáfora acima, as pessoas não saem do mesmo ponto de partida, nem possuem as mesmas oportunidades. Exemplo disso são as próprias classes populares, que já saem em desvantagem por não terem acesso às mesmas escolas, por morarem em bairros periféricos ou por terem, muitas vezes, que trabalhar desde cedo para ajudar em casa, fazendo com que tenham, assim, suas chances de mobilidade social diminuídas. Então, nota-se que esse discurso meritocrático, que permeia todas as esferas da nossa sociedade, acaba por legitimar ainda mais o abismo social, já que, no fim das contas, não é só o empenho e a dedicação que contam.

Além disso, Littler (2018) aponta outros cinco problemas relacionados à meritocracia: instaura um sistema de competição e hierarquia, no qual algumas pessoas são deixadas para trás; assume que talento e inteligência são inatos (visão essencializada); não admite que a "escalada" pode ser muito mais difícil para uns que para outros; privilegia algumas profissões em detrimento a outras; mascara disparidades sociais e econômicas. Percebe-se, assim, que essa organização meritocrática da sociedade é, com frequência, injusta, ao passo que perpetua as relações de poder das classes mais privilegiadas sobre os mais pobres, já que tal discurso é propagado, de forma já naturalizada, não só pela mídia (ordem macro), mas pelos próprios atores sociais (ordem micro do discurso).

Outra crítica relevante com relação à ideologia meritocrata é que ela estimula o que Han (2019, p. 14) chama de "exagero de positividade", que está relacionado ao fato de estarmos o tempo todo produzindo e sempre tentando nos autossuperar, o que tem levado as pessoas ao esgotamento físico e mental. "Nós fomos encorajados a acreditar que, se nos esforçarmos o suficiente, podemos conseguir" (LITTLER, 2018, p. 2, tradução nossa), porém é exatamente esse discurso que vem perpetuando uma busca quase incessante pelo eu-ideal. Isso faz com que a sociedade moderna, a qual Han (2019) chama de sociedade do desempenho, seja, na verdade, a sociedade da autoexploração, em que "o sujeito do desempenho concorre consigo mesmo e, sob uma coação destrutiva, se vê forçado a superar constantemente a si próprio" (p.99). Em outras palavras, o que Han propõe é que essa supervalorização do esforço pessoal tem como consequência, paradoxalmente, tanto o acesso a uma vida melhor como o adoecimento do indivíduo e perdas em sua qualidade de vida.

Por outro lado, vale pontuar que existe também um lado positivo no discurso meritocrático, pois apesar das relevantes e coerentes críticas apresentadas, não se pode negar o fato de que tal

ideologia acaba incentivando os indivíduos a uma maior agentividade, de modo a buscarem oportunidades que transcendam as pressuposições de sua classe social de origem. Posto de outra forma, faz-se necessária a distinção das duas faces de um mesmo discurso, pois, se por um lado, ele pode ser visto como "uma nova forma de exploração" (BARBOSA, 2014, p. 83), por outro, deve ser igualmente reconhecido pelos "valores associados ao esforço e mérito individuais, à escalada do sujeito na sociedade pela via dos seus próprios projetos" (OLIVEIRA, 2012, p. 61).

4 DISCURSO E PODER

No que tange ao discurso, para a melhor compreensão do aporte teórico-metodológico desta pesquisa, faz-se relevante uma sucinta discussão sobre alguns de seus principais aspectos.

O discurso, conforme propõe Foucault (1996 [1971]), possui duas dimensões: a "realidade material de coisa pronunciada e escrita" (p. 8), que parece tratar-se da materialização do discurso através da fala e da escrita; e uma parte mais subjetiva, que pode conter poderes, perigos e dominações, e que cuja duração não nos pertence, sugerindo a existência de forças que dominam e controlam as práticas discursivas. Nessa mesma linha de raciocínio, Fairclough (2001) postula que "o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis" e "o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social" (p. 91). Dessa forma, o estudioso parece propor que além de existirem duas ordens (microssociológica, a qual ele chama aqui puramente de discurso; e macrossociológica, a qual ele se refere como estrutura social), uma influência a outra de forma dialética, como uma via de mão-dupla.

Tal dualidade é ponto de interesse também de Goffman (1986), que foi um dos primeiros estudiosos a perceber a importância da ordem micro do discurso, através do que ele chama de contexto situacional (2002 [1964]) e enquadres (1986), que são a base das interações cotidianas entre as pessoas. Contudo, assim como Foucault (1996 [1971]), Goffman interessa-se, igualmente, pelo contexto macrossocial, como as regras sociais e de convivência que orientam as interações, de forma a entender a interconexão entre essas duas ordens. Em outras palavras, na visão do estudioso, a ordem micro contém a macro, uma vez que as situações sociais são estabelecidas com base no mundo social ao redor (idem, 1986). Então, para estabelecer tal relação, o estudioso propõe a noção de "expressões indexais" (1986, p. 500), que podem ser entendidos como palavras ou expressões usadas na ordem micro que estabelecem um link com a ordem macro do discurso. Assim, percebe-se que na concepção tanto de Goffman como de Foucault e Fairclough, a linguagem e o discurso são duplamente situados, sendo de

extrema importância a análise de ambas as dimensões, principalmente através de índices linguísticos que estabelecem as pontes entre elas.

Retomando as ideias de Foucault (1996 [1971]), para discutirmos a noção de que o discurso pode esconder certos perigos, é preciso, primeiramente, entender que ao falar estamos o tempo todo fazendo alguma coisa (AUSTIN, 1990 [1962]), ou seja, "o discurso é uma forma de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo, especialmente sobre os outros" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Da mesma forma, Goffman (1986, p. 500) aponta que "os indivíduos agem por influência do que lhes é dito e essas ações tornam-se parte intrínseca do mundo ao redor" (tradução nossa). Nesse sentindo, Foucault (1996 [1971]) propõe que na sociedade em que vivemos existem diversos mecanismos de exclusão, que são consumados na realidade material do discurso de ordem micro. Ou seja, em certa medida, as práticas discursivas são controladas por forças externas – ordem macro –, de forma que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, seja por interdição ou censura. Contudo, o ponto dessa exclusão, provocada pelo discurso, que se mostra mais relevante para o presente estudo é o que ele chama de vontade de verdade, que se reflete na forma como o saber é difundido (ou não) entre os indivíduos e "como [o saber] é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído" em uma sociedade (FOUCAULT, 1996 [1971] p. 17). Em outras palavras, os saberes não estão acessíveis a todos e, adotando a visão foucaultiana, pode-se dizer que aqueles que os têm possuem também o poder: poder de ter o conhecimento e usá-lo em benefício próprio ou coletivo, de modo a "desbloquear" o acesso a outros contextos sociais e, por conseguinte, a degraus mais altos na trajetória da mobilidade social.

Ao falarmos de exclusão ao acesso dos saberes, automaticamente somos remetidos à educação, principalmente com relação aos sistemas formais de ensino da sociedade, como escolas e demais unidades educacionais, e é justamente aí que os sistemas de exclusão exercem seu maior poder em termos de apropriação social dos discursos. Nas palavras de Foucault (1996 [1971], p. 44),

> a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

Ou seja, é possível inferir, então, que a educação viabiliza (ou pelo menos deveria) o acesso aos diversos saberes e discursos, consequentemente promovendo, também, o acesso ao poder no sentido de possibilidades e escolhas. Assim, aqueles que não possuem acesso a uma educação de qualidade,

que seja capaz de abrir portas para esses outros discursos, podem acabar sendo cerceados do direito a uma vida melhor, como muitas vezes é o caso das camadas mais pobres da sociedade.

5 METODOLOGIA

O presente estudo insere-se em uma abordagem sociointeracional do discurso. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativista que, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), constitui-se em uma atividade situada, que busca "entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem". Isto é, visa a compreender o mundo social pela perspectiva dos próprios atores sociais. Dessa forma, os dados foram gerados a partir de entrevista de pesquisa, uma vez que se constituem em método básico de pesquisa nas ciências sociais, posto que "a análise de como e o que as pessoas narram em entrevistas de pesquisa remete a estruturas socioculturais mais amplas, ao universo social no qual transitam os interactantes" (BASTOS E SANTOS, 2013). Ou seja, conforme o postulado por Bastos e Santos, a entrevista de pesquisa parece servir exatamente ao que se almeja neste estudo, a interconexão entre a ordem micro e macro do discurso. Após gerados, os dados foram examinados à luz da Análise Crítica do Discurso e da Sociolinguística Interacional.

5.1 CONTEXTO DA PESQUISA

Os dados utilizados como base para esse trabalho foram gerados a partir de entrevista semiestruturada com uma participante mulher, 47 anos, classe média e militar. A entrevista teve pouquíssimas perguntas, sendo quase que completamente conduzida pela própria participante. A conversa, como já mencionado, perpassa a história de vida da participante (LINDE, 1993), que compartilhou narrativas de importantes momentos de sua trajetória, indo desde a sua infância pobre na favela até os dias atuais. No entanto, o recorte analítico realizado ateve-se à jornada rumo à ascensão social da participante, via estudo e trabalho. A entrevista, com duração de 1h e 43 min, foi realizada na varanda de sua casa, em um fim de tarde de feriado. O áudio foi gravado, com seu consentimento, pelo celular da entrevistadora. O nome da participante foi alterado, conforme sugerem Garcez, Bulla e Loder (2014), em prol da preservação de sua identidade, sendo substituído pelo codinome Capitu, sugestão da própria entrevistada.

5.2 A PARTICIPANTE

[1]Capitu, quando criança, morava em uma comunidade, no bairro da Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Estudou a vida toda em escola pública e teve que começar a trabalhar muito cedo para ajudar sua família. Capitu sempre teve dificuldade na escola, chegando a repetir a 6ª série, mas nunca desistiu de estudar. Contrariando as expectativas da própria mãe, que acreditava que ela só iria até o Ensino Médio, Capitu passou em um concurso público, o que lhe fez sair da posição social onde estava e alcançar uma vida melhor. Hoje, mora em uma casa confortável com sua filha, marido e cachorros, em um bairro não periférico da Ilha do Governador. É formada em pedagogia, sendo a segunda de sua família a chegar ao nível superior de ensino.

5.3 GERAÇÃO DOS DADOS

Para a realização da presente pesquisa, foram selecionados cinco excertos narrativos que demonstram sua trajetória de sucesso, marcada pelo discurso meritocrático de esforço individual, assim como sua origem humilde, formadora de sua moral com relação ao estudo e ao trabalho.

Os excertos selecionados foram transcritos com base em adaptações e simplificações das convenções utilizadas na Análise da Conversa e na Sociolinguística Interacional, conforme proposto por Garcez, Bulla & Loder (2014). Nas transcrições, buscou-se capturar o máximo de aspectos paralinguísticos possíveis, como entonação, volume, ritmo, pausas, inflexões, risadas e demais pistas de contextualização (Gumperz, 2013 [1982]) que pudessem ser relevantes para a análise.

Quadro adaptado de convenções Jefferson de transcrição (cf. Garcez at al, 2014).

(.)	Micropausa
=	Fala colada
Palav-	Marca de corte abrupto
,	Entonação contínua
>palavra<	Fala acelerada
<palavra>	Fala desacelerada
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente do turno
?	Entonação ascendente do turno
-	Marca de interrupção abrupta da fala

[1] Informações com base unicamente nos relatos trazidos pela participante durante a entrevista. Isto é, Capitu foi aqui descrita da forma como ela própria se construiu durante a nossa conversa.

:	Alongamento de som
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
Texto	Sílaba, palavra ou som acentuado
((Texto))	Comentários da transcritora
hhhh	Riso expirado

6 ANÁLISE DOS DADOS

Trataremos agora da análise de cinco excertos, emergidos na entrevista de pesquisa, a fim de observar de que forma o discurso meritocrático é entextualizado na prática discursiva da participante, por meio de suas narrativas de história de vida.

Os dados foram categorizados da seguinte forma: o ponto de largada, que compreende a sua infância e início da juventude, bem como seu contexto socioeconômico e familiar à época; a subida íngreme, que compreende as batalhas e sacrifícios vividos por Capitu, já na fase adulta, em busca da ascensão social; a chegada ao topo, quando começa a colher os frutos de todo o seu esforço.

6.1 O PONTO DE LARGADA

A meu pedido, Capitu começa a contar a sua história de vida desde a infância, período em que morava em uma comunidade, que não era `assim uma favela↑` (linha 07), `mas era uma:: (.) comunidade de baixa renda` (linha 08).

Excerto 1 – eu nasci na comunidade

01 02	XXX	me conta um pouqui:nho assi::m (.) né desde a sua infâ:ncia, como foi a sua infâ:ncia
03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21	Capitu	é uma parte meio assim=meio complicada. eu sou:: uma filha:: filha caçula=eu e a minha irmã, só que a nossa diferença é de dez anos. eu nasci na comunidade, minha irmã é nasceu em outro lugar, e depois a gente conseguiu uma casa própria lá na: na comunidade. não é assim uma favela↑ (.) pelo menos não do que eu me lembro da minha infância, mas é uma:: (.) comunidade de baixa renda (.) né então:: que eu me lembro assim da infância é que meu pAi (.) meu pai trabalhava num banco (.) né, mas não me lembro com que eu era. ele chegava sempre bem arrumado e minha mã:e era sempre daquela: >a dona de casa perfeita< e:: quando o meu pai chegava geralmente a gente já tava de banho tomado, arrumada, sentada todo mundo na mesa, uma família normal (.) entre aspas normal. (.) aí meu pai com o passar do tempo ele acabou sendo demitido do banco, (.) e ficou uns quatro anos desempregado (.) né=então aí foi um período que a gente passou umas dificuldadezinhas mais complicadas né↑ minha irmã teve a oportunidade de estudar em esc- colég- escola particular mas eu sempre estudei em escola pública (.) porque eu já tinha pego uma situação de vida um pouquinho mais difícil=minha irmã pegou uma fase mAi::s (.) tranquila.

Como é possível perceber nesse excerto, que parece funcionar como uma contextualização da grande narrativa de sua vida, Capitu começa a sua história avaliando sua infância como complicada (linha 03) e enfatiza o fato de ter nascido e crescido em uma comunidade. Fazia parte de uma família típica das classes populares, cujos membros possuíam papeis bem marcados (SARTI, 2011), sendo o pai aquele que trabalha, portanto o provedor; a mãe a dona de casa exemplar, que zela pelo bem estar das crianças e da casa; e as crianças, sempre bem asseadas e comportadas, à espera do chefe da família para realizarem as refeições à mesa (linhas 12-14). Ou seja, uma família normal (.) (linha 14), conforme avaliação de Capitu. Tal modelo familiar, no entanto, sofre um desequilíbrio a partir do momento em que o provedor não mais provê (linhas 15-16), levando-os a enfrentar dificuldadezinhas (linha 17), como o fato de não poderem oportunizar o ensino privado à Capitu, o qual fica subentendido na fala da entrevistada como sendo algo melhor e, portanto, desejado por ela.

Percebe-se, então, com base em sua narrativa, que o ponto de partida da trajetória de ascensão social da participante foi desvantajoso, uma vez que não teve as mesmas oportunidades que indivíduos de classes mais abastadas poderiam ter. Ao nascer, já recebeu como herança socioeconômica de sua família inúmeras adversidades, como o fato de morar em um bairro periférico e as dificuldades financeiras enfrentadas por seus pais, além de não ter tido a oportunidade de acesso a uma educação de qualidade. Ou seja, conforme apontado por Littler (2018), a escalada pode ser mais difícil para uns que para outros, o que aparenta ter sido o caso de Capitu, que desde sua infância teve que lidar com os obstáculos que desafiavam sua ascensão.

Além das dificuldades impostas por seu contexto socioeconômico, Capitu também se constrói como alguém que tinha extrema dificuldade de aprendizagem na época da escola, conforme o excerto a seguir:

Excerto 2 - eu era péssima aluna (.) pé::ssima pé::ssima mesmo

01 02 03 04 05 06 07 08 09	Capitu	aí quando eu tava na escola (.) uma coisa que me marcou muito foi uma professora (.) que:: eu era péssima aluna (.) pé::ssima pé::ssima mesmo, na época o conceito era c c d c (.) sabe↑ PASsou, né↑ era mais ou menos assim. sexta série não deu=eu repeti a sexta série. muita dificuldade muito grande em matemática. (.) é:: como eu tenho até hoje=quando eu faço brincadeira tô falando sério tenho uma dificuldade incrível em matemática, se tiver que fazer uma conta vou ter que fazer nos dedos
10	XXX	hhhhhhhhhh

Ao falar do seu tempo de escola, Capitu dá início a uma pequena narrativa, sobre um fato que a marcou muito. Porém, antes mesmo de ela finalizar sua primeira oração narrativa, uma coisa que me marcou muito foi uma professora (.) que:: (linhas 01-02), Capitu suspende o fluxo da

história para realizar uma autoavaliação negativa de seu desempenho escolar. Tal julgamento fica nítido na ênfase dada ao adjetivo *péssima* (linhas 02 e 03), marcada pelo alongamento da vogal, além do fato de ter sido utilizado duas vezes. Na linha 03, ela retoma sua história e explica que seu conceito era sempre baixo, geralmente o suficiente para passar de ano, o que não aconteceu na 6ª série, quando acabou repetindo (linhas 04-05).

A pequena história de Capitu é encerrada na linha 06, quando a participante volta para o tempo presente, deixando claro que até hoje ainda possui certa dificuldade em algumas áreas. Nota-se, assim, que o evento narrado por Capitu dialoga diretamente com um outro problema apontado por Littler (2018) em relação ao discurso meritocrático, o fato de a inteligência e o talento não serem natos, o que faz com que as pessoas não partam necessariamente do mesmo ponto, inclusive do ponto de vista cognitivo. Dessa forma, Capitu parece dar início à sua escalada rumo à ascensão social duplamente em desvantagem, o que torna seu caminho significantemente mais íngreme e tortuoso.

6.2 A SUBIDA ÍNGREME

Capitu continua sua história de vida contando que, ao concluir a escola, sua mãe a obrigou a trabalhar para ajudar em casa, assim como acontece com muitos jovens das classes populares (SARTI, 2011). Capitu foi, então, trabalhar de secretária em um escritório no centro da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, ela não estava satisfeita com eu emprego e decidiu entrar em um cursinho preparatório para concurso público, mas ao realizar o exame de admissão, não foi aprovada, o que lhe causou bastante frustração. Em vez de contentar-se com a derrota, porém, Capitu decidiu "dar a volta por cima", conforme o excerto a seguir:

Excerto 3 - <só NÃO esTUda quem NÃO quer>

01 02 03 04 05 06	Capitu	[...] quando eu fiz a prova, um tempo depois, eu já sai de lá assim arrasada porque eu sabia que não tinha passado "eu nunca vou aprender a fazer isso nunca vou conseguir fazer isso" (.) aí eu saí do curso (.) e:: resgatei aquele papel do secretariado e comecei a estudar sozinha. (.) então eu trabalhava::: sabe onde é o hospital dos servidores (.) no bairro saúde?
07	XXX	se:::i mais ou menos sei que é lá pro centro né
08 09 10 11	Capitu	sim e eu::: pra v- eu ganhava um salário mínimo né, então pra eu não ir –pra eu estudar, não dava pra comprar livro, aí o que que eu fazia, eu ia andando do hospital dos servido::res (.) até a biblioteca nacional
12	XXX	uhumm
13 14 15 16 17 18		aí lá tinha todos os livros (.) tinha assim mesa individual, ar condicionado, iluminação=olha↑ <só NÃO esTUda quem NÃO quer> XXX. (.) ((barulho de Capitu batendo na mesa com suas mãos enquanto fala)) >só não estuda quem não quer<. eu não tinha dinheiro pra fazer um lanche, mas todo dia eu tomava um cafezinho quando batia o sono e ficava aberto até as dez da noite na época. oito ou dez

19 20 21		da noite se não me engano. saía cinco horas do trabalho, ia andando até lá (.) já tinha um computador lá a gente conseguia acessar
22	XXX	não foi fácil, né↑

Após ter vivido um insucesso e demonstrar bastante frustração com isso (linhas 01-03), Capitu parece dar início a uma espécie de virada em sua vida, ao decidir começar a estudar por conta própria (linha 05), aproximando-se da ideia do "*self-made man*" (ROCHA, 2017).

Como pode ser visto nas linhas 05-06 e 08-11, as adversidades impostas por sua classe social de origem continuam a se manifestar, mesmo na fase adulta, quando ainda encontrava dificuldades financeiras para tocar seus estudos. Porém, Capitu se constrói o tempo todo como uma pessoa altamente agentiva e esforçada, que não desiste de seus objetivos, o que fica claro a partir da linha 09, onde ela começa a elencar todas as ações que tomava para conseguir estudar, começando por ir andando do hospital dos servido::res (.) até a biblioteca nacional (linhas 10-11).

Na sequência, Capitu interrompe sua história para fazer, de forma bastante enfática e com bastante carga emocional – o que pode ser percebido por sua entonação e pelas batidas na mesa – a seguinte observação: só NÃO esTUda quem NÃO quer (linha 14). Ao dizê-lo, a participante parece reproduzir claramente o discurso meritocrático, utilizando um índice linguístico tão marcante desse discurso – *querer*. Assim, em sua fala, ela se constrói como aquela que, diferente de outros, quis de verdade estudar, tendo se esforçado e sacrificado muito para isso. Então, ao enfatizar o fato de que, em seu ponto de vista, todos têm, potencialmente, oportunidade de acesso aos estudos, o que ela parece querer dizer é que só alguns verdadeiramente o querem.

Então, em seu discurso, Capitu sugere que mesmo aqueles que como ela são de origem pobre e tiveram cerceado o direito de acesso a oportunidades melhores, se quiserem de verdade, também vão conseguir, pois basta querer. Porém, infere-se que, de acordo com ela, nem todos de fato querem, o que deixa bastante evidente o alinhamento de Capitu ao macro discurso meritocrático, de que "vencer na vida" só depende mesmo do próprio indivíduo. Dessa forma, reproduzindo quase um mantra propagado pelo discurso da meritocracia – "basta querer, pois querer é poder" –, Capitu reflete em seu discurso o quanto essa ideologia está arraigada às práticas discursivas cotidianas e o quanto os indivíduos são influenciados por esse sistema de crenças, talvez sem nem se darem conta. Vale ressaltar que ao mesmo tempo que os indivíduos são influenciados por esse discurso ideológico, ele próprio é influenciado pelos indivíduos, já que ao repeti-lo, estamos contribuindo para que seja cada vez mais difundido. Ou seja, o discurso constitui e é constituído pelas práticas discursivas, conforme proposto por Fairclough (2001), o que o torna cada vez mais poderoso e hegemônico.

Cabe também destacar que, em alinhamento ao sistema de crenças e valores de sua classe social, fica claro nesse excerto o valor que a participante atribui à educação, ao passo que ela a constrói quase como uma "tábua de salvação", que tem o potencial de fazê-la mudar de vida.

Na sequência, linhas 16-21, Capitu continua descrevendo os sacrifícios e esforços pessoais que teve que fazer em prol daquilo que acreditava ser necessário para ir além – estudar. Na linha 22, é possível perceber que eu alinho-me à participante, concordando com ela que sua trajetória `não foi fácil, né↑.`

Essa supervalorização do seu esforço pessoal também é vista em outro trecho da conversa, quando Capitu diz que resolveu voltar a estudar para alcançar uma promoção em seu trabalho. Pouco depois do excerto anterior, Capitu conta que finalmente conseguiu ser aprovada no concurso que tanto almejava – Sargento da Marinha do Brasil –, e logo depois se casou e teve uma filha. Contudo, mesmo tendo alcançado seu grande objetivo, seu contexto socioeconômico ainda não era, a seu ver, satisfatório, fato que a levou a uma nova onda de muito estudo e, consequentemente, muito esforço pessoal e sacrifícios. Ela explica que o principal gatilho para tal decisão foi a falta de agentividade do seu então marido e a falta de segurança na comunidade onde moravam.

Excerto 4 - "quer saber de uma coisa? ele <u>não</u> <u>vai</u>? FICA, vou <u>eu</u>".

01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14	Capitu	aí um belo dia eu tô em casa, só escuto ele no telefone com o irmão, o irmão sempre ficou no pé dele com relação à profissão, aí chegou e falou pra ele, só escuto ele falar assim, aí ele rindo não sei o que "ih cara a faculdade? ih fui jubilado" e começou e a rir↑ (.) aí eu <u>escutei</u> isso né, (.) aí: cheguei né (.) aí depois que ele desligou eu "Márcio, que história é essa de jubilado? O que quer dizer isso?" aí ele "não, é o seguinte: a faculdade de matemática são cinco anos pra ter a licenciatura, eles dão dois anos a mais (.) pro: aluno que não conseguiu fazer em cinco anos terminar, só que a quantidade de matérias que eu tenho pra terminar vai ser superior a essa quantidade de:: a esses quatro períodos que tem, então eu não vou conseguir terminar". ele deixou TANTA matéria acumular que nem em sete anos eles conseguiria terminar a faculdade (.)aí perde a vaga
15	XXX	cara::ca
16 17 18 19 20 21	Capitu	aí teria que fazer um outro concurso pra entrar de novo na faculdade. olha XXX:: (.) eu olhei assim:: e assim pô, tava no morro, o morro deu uma caída, o pessoal tava começando a andar de metralhadora por lá. teve um dia que a gente pulou da cama e se arrastou pra sala porque tava tendo tiroteio de polícia na rua e minha casa era de cara pra rua,
22	XXX	°caraca:°
23 24	Capitu	eu cheguei a catar algumas coisas de de arma que tava no chão pra mostrar lá no quartel.
25	XXX	°no::ssa°
26 27 28	Capitu	sabe, e eu já com a Bárbara=eu falei "não quero criar minha filha aqui" sabe? tenho nada contra o morro, mas o morro já não era mais o morro que eu conhecia.

29	XXX	já não era um bom lugar, né↑
30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46	Capitu	não. (.) aí eu falei "quer saber de uma coisa? ele não vai? FICA, vou eu". aí foi AÍ que eu comecei a estudar, a Bárbara tava com dois aninhos já, comecei a estudar pro alfa alfa, dois ou três anos de idade, acho que tava com:: dois anos de idade aí eu comecei a estudar pro alfa alfa aí tipo assim:: aí trabalhava de dia e fazia curso de noite. (.)sábado tinha cursinho até meio dia, né, e fui nesse ritmo. aí primeiro ano tentei não consegui, segundo ano tentei e não consegui, aí terceiro ano fui mais full. aí:: a noite estudava, sábado de manhã tinha aula,(.) aí a gente saia:: porque o prédio fechava >e aí a gente ia conseguir uma sala lá na casa do marinheiro< juntava o pessoal de corona e ia lá pra casa do marinheiro, almoçava no restaurante na casa no marinheiro, aí a gente juntou e começamos a pagar os professores a hora dos professores, aí... a gente pagava os professores e tinha aula extra no (.), no domingo de manhã a gente fazia simulados e:: depois do simulado a gente almoçava lá e estudava na parte da tarde também com os professores.
47	XXX	°cara:mba°
48 49	Capitu	XXX, eu (.) não lembro da infância da minha filha nesses três anos. (.) °não lembro°.

Na linha 01, por meio do marcador discursivo aí um belo dia, Capitu dá início a mais uma história. Nesta, a participante posiciona seu ex-marido como alguém pouco agentivo, que não se esforçava tanto quanto ela para ir além, para subir cada vez mais alto na escada. Isso fica claro em enunciados como aí ele rindo não sei o que "ih cara a faculdade? ih fui jubilado" e começou e a rir↑ (.) (linhas 03-05), em que ela demonstra, através de sua escolha lexical e entonação, que não se alinha ao comportamento dele. Outra passagem que demonstra esse posicionamento de Capitu em relação ao seu ex-marido é quando ela interrompe o fluxo da narrativa para comentar, de forma enfática, que ele deixou TANTA matéria acumular que nem em sete anos eles conseguiria terminar a faculdade (linhas 13 e 14). A falta de esforço de seu companheiro, aliada à nova realidade violenta de sua comunidade (linhas 17-21, 23-24, 26-28), motivaram-na a recomeçar sua rotina de estudos, visando a uma condição financeira ainda melhor, que lhe permitisse mudar-se de sua comunidade de origem e migrar para um bairro mais seguro, consequentemente fora da comunidade.

Nesse momento, a grande narrativa da vida da Capitu tem uma outra virada, quando ela toma a seguinte decisão: "quer saber de uma coisa? ele não vai? FICA, vou eu". aí foi AÍ que eu comecei a estudar, (linhas 30-31). A partir desse ponto, como pode ser observado nas linhas 32-46, ela descreve todas as ações que passou a adotar em prol de seu novo objetivo: passar no concurso para oficial da Marinha, apelidado dentro da instituição como "Alfa Alfa" (Auxiliar da Armada). Assim, inicia-se outra etapa de grande esforço e sacrifício pessoal para que Capitu continuasse galgando novos degraus. Todavia, essa busca constante pela autossuperação e ascensão

social (HAN, 2019) custou-lhe, conforme linhas 48 e 49, grandes sacrifícios, maiores ainda do que os relatados no excerto anterior. Paradoxalmente, enquanto buscava ter uma vida melhor e mais plena, Capitu conclui sua narrativa relatando o sofrimento que todo esse "exagero de positividade" (HAN, 2019) lhe causou – anos perdidos da infância de sua filha (linhas 48-49). Pela forma bastante emocionada com que fala de Bárbara, o que fica marcado pelas pausas e volume mais baixo de seu enunciado, Capitu parece avaliar as escolhas que fez no passado com um certo pesar e angústia, talvez por ir de encontro aos valores relacionados à família, algo tão emblemático e central na moral dos pobres. Contudo, sua história estava para ter mais uma grande virada.

6.3 A CHEGADA AO TOPO

Depois da longa escada que teve que subir, cujos degraus foram representados por Capitu como tendo sido galgados com bastante esforço, lutas e sacrifícios, a participante narra um acontecimento que pode ser encarado como o marco de sua ascensão. Depois de, enfim, alcançar sua promoção a Oficial de Marinha através de um custo tão alto (a suspenção quase que completa do convívio com a sua filha por três anos), eu pergunto a Capitu se valeu a pena, e como ela avalia hoje em dia essa sua trajetória. A essa pergunta, desenrola-se a seguinte narrativa:

Excerto 5 - eu fui pra Disney↑

01	XXX	caramba (.) mas olhando hoje a senhora acha que valeu a pena?
02 03	Capitu	(.)˚valeu (.)valeu (.) valeu˚ (.) foi difícil, talvez eu não tenha feito boas escolhas, mas:: valeu.
04	XXX	não se arrepende? faria de novo?
05	Capitu	(.) faria↑ tomaria decisões diferentes na minha vida particular,
06	XXX	sim, mas em termos de::
07 08	Capitu	profissionais, o que eu FIZ pra ser a profissional que eu sou, faria a mesma coisa.
09 10	XXX	assim, definir é difícil né↑ mas como a senho::ra hoje:: conCLUI assim essa::
11 12 13 14 15	Capitu	ai XXX, me sinto realizada, eu me sinto realizada. em 2014 eu fui pra DISney↑ (.) quando:: quando eu cruzei os PORtões ali da Disney, eu chorava igual a CRIANÇA (.) porque NUNCA na minha vida=porque eu era louca assim em Disney, eu assistia o clube do Mikey
16	XXX	hhhhh
17 18	Capitu	sabe? eu ficava ali olhando=e tava eu lá, em outro paí::s, num lugar de um sonho de infância.
19	XXX	chega a arrepiar
20 21 22	Capitu	não tem noção, da gente poder assi:m (.) claro que eu prefiro viver muito, mas se eu morrer hoje, ((batidas na mesa)) (.) tô satisfeita, feLIZ, feliz, satisfeita mesmo

Apesar de avaliar sua trajetória com o adjetivo *difícil* (linha 02), que remete aos sacrifícios que teve de fazer para chegar onde chegou, Capitu se considera realizada (linha 11). E, aparentemente

para comprovar sua realização pessoal, Capitu dá como exemplo sua viagem à Disney (a partir da linha 11). Esta parece ser avaliada por ela como a materialização de seu sucesso, ao realizar um grande sonho de infância, que só foi possível através de todo o seu esforço e sacrifício para conquistar a estabilidade financeira que hoje lhe permite fazer uma viagem internacional, sendo fruto direto do seu mérito pessoal. Porém, chama a atenção o fato de esse sonho de infância representar um dos maiores símbolos do capitalismo e consumismo da era pós-moderna. Associados diretamente à imagem dos Estados Unidos, grande ícone do capitalismo, os parques da Disney vendem a imagem de um mundo de magia, onde os sonhos se tornam realidade. Entretanto, nem todo mundo tem de fato a possibilidade de concretizar esse sonho, dado o seu alto custo, o que os caracteriza como objetos de consumo somente das classes mais altas.

Curioso também é o fato de Capitu relacionar a sua realização pessoal diretamente ao fato de ter ido para a Disney, sugerindo uma adesão à lógica capitalista e neoliberalista, parecendo refletir em seu discurso a crença de que a ascensão social é, de fato, medida pelo poder de consumo. Capitu poderia ter selecionado qualquer outro exemplo de conquista em sua vida para simbolizar sua vitória e sucesso, mas a opção por um símbolo tão notoriamente representativo das classes média e alta contraria a proposição de Oliveira (2012) de que, para as classes populares, a ascensão social é mais marcada pelo seu valor simbólico do que material.

Por outro lado, embora a Disney possa ser considerada símbolo do consumismo, percebe-se no discurso de Capitu que a viagem teve um simbolismo a mais para ela. Ir à Disney não parece ter sido uma conquista meramente material, uma vez que cruzar os portões do parque (linhas 12-13) é projetado com uma alta carga emotiva, `quando:: quando eu cruzei os PORtões alí da Disney, eu chorava igual a CRIANÇA (.)`, remetendo-se diretamente à sua infância. Logo, esse feito pessoal, em sua fala, parece ser avaliado como uma recompensa por todo o seu esforço, por todos os sacrifícios que teve que fazer em prol dos estudos e do trabalho, pois, enfim, havia conquistado o objetivo de uma vida melhor, levando-a a sentir-se `satisfeita, feLIZ, feliz, satisfeita mesmo` (linha 22). Então, para a menina que nasceu e cresceu em uma comunidade (cf. excertos 1 e 4), que não tinha dinheiro nem para comprar livros para estudar (cf. excerto 3), cruzar as fronteiras não só da comunidade onde morava, mas do país parece representar algo grandioso e extremamente simbólico em seu sistema de crenças e valores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejou-se, no presente estudo, observar de que forma o macro discurso meritocrático materializa-se nas práticas discursivas microssociológicas que, neste trabalho, foram examinadas a partir dos dados da entrevista realizada com uma mulher de origem pobre – Capitu –, e analisar, através de índices discursivos presentes em sua fala, a influência que esse discurso ideológico exerce na busca por ascensão social das classes populares, principalmente no que tange à moral da família, do estudo e do trabalho.

Ao olharmos para a forma como Capitu constrói sua história de vida, podemos concluir que se trata de uma narrativa de sucesso. Isto é, ela avalia o início de sua trajetória como um período complicado (excerto 1, linha 03), marcado por dificuldades e limitações, tanto de ordem socioeconômica como de desempenho escolar (excerto 2). O percurso rumo à mobilidade vertical também é construído por ela como tortuoso, exigindo vários sacrifícios, como o pouco convívio com sua filha (excerto 04), o que parece, de alguma forma, ferir a moral da família, já que seu papel de mãe é posto à prova. Contudo, alinhando-se ao valores e crenças dominantes em seu grupo social de origem, especialmente no que diz respeito aos estudos, Capitu consegue, enfim, alcançar o topo da escada, coroado, em seu discurso, pela viagem à Disney (excerto 5).

Então, apesar das complicações e dificuldades que teve que enfrentar em sua largada e escalada, Capitu se define como realizada e muito feliz (excerto 05), o que demonstra a forma positiva com que ela avalia a trajetória percorrida em direção à tão desejada ascensão socioeconômica. Esse sentimento de orgulho, claramente percebido em seu discurso, parece dialogar diretamente com a metáfora do *self-made man*, no sentido de que ela veio de origem humilde, mas por meio de seu próprio esforço e mérito pessoal, conseguiu o sucesso. Dessa forma, ao analisar as representações e significados que Capitu confere a sua trajetória de vida, é possível inferir que ela adere ao discurso meritocrático, ao atribuir contornos positivos a essa ideologia. Ou seja, ela parece endossar, em sua prática discursiva, a ideia de que, de fato, “basta querer” (cf. excerto 3).

No que concerne especificamente à ideologia meritocrática, Littler (2018) aponta que um dos pontos negativos desse macro discurso é o fato de ele incentivar as pessoas a estarem constantemente competindo umas com as outras, funcionando como um mecanismo de exclusão (FOUCAULT (1996 [1971]). Porém, nos dados desta pesquisa, foi possível observar que a única pessoa com quem Capitu disputou foi ela mesma, uma vez que estava sempre tentando se superar. Isso acabou por causar-lhe sacrifícios e dores maiores do que talvez ela tenha calculado, conforme excerto 4. Esse fato corrobora o exposto por Han (2019, p. 30), que “o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à

livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração", assim "o explorador é ao mesmo tempo o explorado". Ou seja, entendemos, então, que o discurso meritocrático, com toda essa supervalorização do esforço, exerce poder sobre as pessoas, no sentido de fazê-las acreditar que sempre podem – e devem – ir além, sem levar em consideração os revezes que isso poderá causar. Ademais, esse mesmo discurso acaba exercendo mecanismos de exclusão sobre aqueles que, por alguma razão, não tiveram o mesmo êxito, induzindo ao entendimento de que essas pessoas são inferiores e desinteressadas por não terem conseguido o sucesso. Tal mecanismo parece ser entextualizado, inclusive, no discurso da própria participante, conforme o excerto 03, linhas 14-15 e excerto 04, linhas 13-15.

Levando em consideração que o micro contém o macro (GOFFMAN, 1986), conclui-se então que, guardadas as devidas proporções, a grande narrativa de Capitu reflete o sistema de crenças de toda uma classe que, influenciada pelo discurso ideológico do mérito pessoal vigente na sociedade como um todo, acredita que através do esforço e mérito pessoal é possível sim ir além. Por fim, pode-se dizer que Capitu, mesmo tendo materializado em seu discurso a lógica, por vezes cruel e excludente, da meritocracia, possui uma trajetória inspiradora, ao passo que logrou, de forma digna e honesta, o êxito de uma vida melhor por meio dos estudos, o que parece confirmar o postulado por Foucault (1996 [1971]), de que o acesso à educação viabiliza novas possibilidades na vida.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990 [1962].

BARBOSA, Lívia. **Meritocracia e Sociedade brasileira**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, n. 54, 2014.

BASTOS, Liliana Cabral e SANTOS, William Soares dos. Introdução: Entrevista, narrativa e pesquisa. In: _____ (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, Faperj, 2013, p. 9-21.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna S**.** Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15-41.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F.de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996 [1971].

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília, Editora UNB, 2001.

GARCEZ, Pedro de Moraes et al. **Práticas de pesquisa microetnográfica***:* geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. DELTA, São Paulo, n. 30.2, 2014, p. 257-288.

GUMPERZ, John. Convenções de Contextualização. In RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 149-182.

FLORÊNCIO, Alexandre; BIAR, Liana. **Do capitalismo produtivo ao capitalismo financeiro**: construção da coerência em testemunhos neopentecostais de prosperidade. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 12, no. 1, p. 92-120, 2018.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada ([1964] 2002). In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) **Sociolingüística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 13-20.

GOFFMAN, Erving. The frame analysis of talk. In: GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis** - an essay on the organization of experience. Boston: Harper & Row, 1986.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 5ª ed. 2019.

LINDE, Charlotte. **Life stories***:* the creation of coherence. New York: Oxford University Press, 1993.

LITTLER, Jo. **Against Meritocracy**. New York: Routledge, 2018.

OLIVEIRA, Talita de. **Educação e ascensão social**: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense. 2012. Tese de doutorado. PUC-Rio.

ROCHA, Camilo. **O livro que criou o termo 'meritocracia' é uma distopia**. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/11/06/O-livro-que-criou-o-termo-%E2%80%98meritocracia%E2%80%99-%C3%A9-uma-distopia> Acesso em 24/11/2019.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2011.

TEIXEIRA, Paula Fernandes. *"***Eu posso morar no morro, / mas eu não devo a ninguém***":* a construção identitária e a significação da realidade em narrativas de adolescentes atendidos por programa social federal. 2021. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio.

VÊRAS, Maura. Exclusão Social – um problema brasileiro de 500 anos (notas preliminares). In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2002, p. 27-53

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

YOUNG, Michael. **The Rise of Meritocracy**. Middlesex: Penguin Books, 1961.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000 [1985].